

## Maria da Graça Carvalho / Eurodeputada do PSD

Relatora-sombra de um regulamento sobre a sustentabilidade das pescas, a social-democrata entende que chegou a altura de travar os excessos de países que concorrem com a UE

# “Devemos impor às outras partes do mundo que sigam os nossos critérios de sustentabilidade nas pescas”

Patrícia Bentes  
patricia.bentes@novo.lapanews.pt

**Recentemente foi nomeada relatora-sombra de uma proposta de regulamento sobre a pesca sustentável. Como vê esta nomeação?**

A minha atitude nas pescas é trazer todo o meu conhecimento científico e analítico de engenheira. Para se compatibilizar o sector com a sustentabilidade, precisamos de inovação e tecnologia. Neste momento há imensos desenvolvimentos tecnológicos que estão a surgir que ainda não estão devidamente aplicados em benefício das pessoas: na biologia, na robótica, na inteligência artificial, na análise de dados. Todas estas tecnologias podem ser aplicadas na pesca de modo a fazer com que continuemos a ter um sector próspero, continuemos a ter peixe e mantenhamos a sustentabilidade das pescas.

**Em que consiste essa proposta?**

Essa é muito específica para o Mediterrâneo. Estou a falar-lhe do meu propósito em relação aos vários relatórios porque também tenho outros sobre o Pacífico e gostaria até de fazer uma iniciativa

mais geral sobre pesca e sustentabilidade. Há aqui um terceiro vértice que é importante, que são as novas tecnologias, que serve ao mesmo tempo para atrair jovens e fazer da pesca uma profissão atraente, de futuro, de gente qualificada.

**De que forma Portugal pode beneficiar disso?**

Sendo um sector tão importante para o nosso país, acho que é muito interessante estar na Comissão de Pescas e ainda bem que tive esta oportunidade. Há aqui muito a fazer no sentido de haver uma compatibilização entre sustentabilidade e um sector cada vez mais próspero e que gira mais empregos. Se diminuir o sector na Europa, continua a consumir-se peixe e vai ser importado do resto do mundo, sem regras e sem critérios de sustentabilidade. Ser pescado na Europa é ter a certeza dos critérios de sustentabilidade. Há ainda o efeito de exemplo. Devemos impor às outras partes do mundo que sigam os mesmos critérios e, nos nossos acordos, exigir que eles sejam também seguidos pelos outros países e regiões fora da Europa. **Este ano foi também nomeada relatora para a nova geração**



DR

**de parcerias. Qual é a importância destas parcerias?**

Estas parcerias abrem concurso e os consórcios, universidades, indústria, pequenas e médias empresas e centros de investigação, em conjunto de vários países, concorrem para contribuir para este desenvolvimento. Há muita coisa que tem de ser desenvolvida e quem faz o trabalho são grupos espalhados pela Europa que concorrem.

**E Portugal tem condições para ganhar aí algum terreno?**

Tem. Portugal não tem participado muito nas parcerias que já existiam. Tem participado mais noutros sectores do que nas parcerias porque elas exigem a presença de empresas que gostam de colaborar com as universidades e vice-versa, e essa não era muito a nossa tradição no passado. É cada vez mais. Nota-se

cada vez mais essa colaboração e são esses consórcios que têm de estar atentos às parcerias porque não é só o financiamento, é uma porta de entrada para muita coisa.

**E a que atribui esta falta de participação?**

Acho que não temos um número suficientemente grande de indústrias com alguma dimensão e de empresas com investigação. O número de doutores em empresas é muito reduzido quando comparado com a média europeia. Está a melhorar, mas continua a ser muito reduzido.

**Por falta de investimento público ou de iniciativa privada?**

Por falta de cultura. Portugal, que continua a fazer muito bem no número de doutores em percentagem da população, em número de novos doutores e mesmo no investimento no sector público e privado - aumentou em relação ao

anterior e está acima da média europeia -, depois não tem progressão em resultados. E daí alguma preocupação em relação ao Plano de Recuperação e Resiliência. Não basta financiar numa determinada área para que ela, depois, venha a ter resultados. Se não criarmos as condições para que as empresas desenvolvam novos serviços, novas tecnologias, que exportem, que vejam o benefício que é ter doutores e investigação e colaborações externas, não vale a pena. Há todo um conjunto de circunstâncias a que os economistas do conhecimento chamam ecossistema de inovação que em Portugal é pobre. São as leis laborais, são os incentivos fiscais à inovação, é a burocracia, é um sistema de justiça flexível e célere. Há uma certa asfixia e acho que é por isto que as nossas empresas também não entram nestas parcerias.